

ENTRE O “NORMAL” E O “ANORMAL”: DIVERSIDADE SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Clodoaldo Ferreira Fernandes (UEG-UnUCSEH)

Mestrando em Educação, Linguagens e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis (GO)
aldoff25@hotmail.com

Dr. Arioaldo Lopes Pereira (UEG-UnUCSEH)

Professor do Curso de Letras (UEG-UnUCSEH), Anápolis (GO)

Arylopes_br@yahoo.com

Introdução

Observa-se que a discussão sobre temas de diversidade sexual no ambiente escolar é um campo minado, visto que educadores têm medo de falar sobre o assunto, muitas vezes por não haver propostas que promovam uma reflexão sobre a temática. Em função disso, o professor/a não se sente à vontade em falar daquilo que ele/ela também não conhece ou não está preparado/a e que pode gerar insegurança, por ser polêmico exigir seu posicionamento acerca do tema e, assim, gerar conflitos.

Vivendo em um mundo moderno, onde questões identitárias não deveria ser mais motivo para a promoção de atitudes de cunho discriminatório, vê-se que o que realmente ocorre é o inverso. Percebe-se que no contexto escolar práticas discriminatórias são tidas como “natural”, e de tanto estarem legitimadas no contexto escolar, não são problematizadas, por isso são aceitas. O discurso do professor tido como “valor de verdade” (MOITA LOPES, 2006) pode fomentar a discriminação na medida em que esse profissional tem um papel social reconhecido e validado e que reproduz discursos excludentes.

Sendo assim, o posicionamento discursivo desse profissional pode excluir identidades sexuais que não são aceitas pela sociedade ao propagar verdades inquestionáveis. Sobre o discurso, este é entendido por Foucault *apud* Brandão (1994, p. 37) como “o espaço em que saber e poder se articulam”, uma vez que quem fala, fala de algum lugar e valida o que é dito, posto que seja reconhecido institucionalmente. Nesse sentido, pode-se questionar até que ponto o/a professor/a está ancorado por pressupostos teóricos da sexualidade e educação que promovam debates esclarecedores e democráticos no ambiente escolar?

Acredita-se ser relevante este estudo, pois, será possível problematizar as maneiras que os professores veem os alunos da diversidade sexual e promover uma reflexão que traga dentro do espaço escolar uma equidade; possibilitando que os atores envolvidos nesse processo sejam emancipados e respeitados diante de suas condições sexuais. Nota-

se de fundamental importância que os “condutores” dos diferentes contextos sociais existentes na sociedade moderna, debatam temas sociais, como a diversidade, para que assim haja um maior esclarecimento por parte desta sociedade, que tanto discrimina e exclui, tendo em vista os tabus, as incertezas, dúvidas e preconceitos que mapeiam o tema da sexualidade.

Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como professores da educação básica se posicionam, discursivamente, a respeito da diversidade sexual no ambiente escolar. No que se refere aos objetivos específicos, destacam-se: (1) problematizar possíveis práticas discursivas de professores as quais são produtoras de sentidos em relação às identidades sexuais no contexto escolar; (2) examinar, através do posicionamento discursivo de professores, em que medida eles são capazes de mediar discussões referentes à homossexualidade com seus alunos; (3) analisar até que ponto discursos de professores contribuem para reforçar ou contestar práticas discursivas que servem para fomentar estereótipos referentes a sujeitos “normais” e “anormais” conforme a sua condição sexual.

Metodologia

A investigação será conduzida por meio de uma pesquisa qualitativa/interpretativista de cunho etnográfico. Quanto à sua metodologia, a pesquisa terá como técnica o grupo focal (GF). Segundo Ressel et al. (2008, p. 779), “Os GFs são grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate. As etapas de pesquisa estão divididas em duas: a primeira de aspecto bibliográfico, tem como intuito levantar trabalhos relacionados com a temática da sexualidade, educação e discurso. A segunda etapa tem como foco o trabalho de campo de caráter interpretativista utilizando instrumentos qualitativos de pesquisa que será realizado no segundo semestre de 2012. Serão empregados os seguintes instrumentos de pesquisa para coleta de dados:

- a) Diário de campo (anotações feitas pelo pesquisador);
- b) Problematisações (gravadas em áudio) elicitadas pelos sujeitos da pesquisa;
- c) Observação em sala de aula após os encontros do GF que se complementam e interligam aos demais instrumentos.

O trabalho de campo inclui um grupo de professores de uma escola pública que lecionam na educação básica. O tempo de pesquisa de campo será de um mês e as observações em sala de aula ao final dos encontros do GF serão de no mínimo dez observações. A análise dos dados será através da triangulação levando-se em conta os instrumentos de pesquisa. A fundamentação teórica de sustentação para a análise dos dados é ancorada pela Análise de Discurso Crítica (ADC) conforme proposta de Fairclough (2001, p. 91), segundo a qual o discurso é uma ferramenta que as pessoas recriam, transformam o mundo “constituindo e construindo o mundo em significado”.

Discussão

Faz-se importante compreender que a linguagem está mutuamente imbricada na relação social do sujeito e como prática social, é a mediação necessária para a sociabilidade humana. Além de ser interação, esta é também um “modo de ação”, pois, “é dotada de efeitos de sentido em função do espaço social e dos sujeitos que o compõem” (OLIVEIRA; FORTES, s/d, p. 02). Nesse sentido, ao pensar em linguagem, discurso está imbricado nessa compreensão; pois, de acordo com Fairclough (2001, *apud* DEZAN; TRUSS, 2011, p. 03) “o discurso é um modo de ação, maneira pela qual as pessoas se permitem agir sobre o mundo e sobre os outros indivíduos, construindo o mundo em significado”. Ou seja, construímos significados pela ação discursiva em que estamos inseridos culturalmente.

A assunção de debates que versam sobre as sexualidades e homossexualidade, tornam-se relevantes, na medida em que a sexualidade e a homossexualidade são vivenciadas discursivamente nos espaços escolares. A sexualidade é parte dos sujeitos que estão no contexto escolar e ninguém pode ser desligado e despidido de algo intrínseco, subjetivo, Louro (2000, p. 81). Para Moita Lopes (2004, p. 04)

a sexualidade é uma das identidades sociais que são construídas em termos de como se aprende a representar e ser representado discursivamente em termos de desejo sexual, sendo este de modo diferente por toda a vida. Isso corrobora que a escola não deve

normatizar todas as sexualidades em seu contexto e negligenciar as discussões com o professorado. Diante de tais afirmativas, apresentadas como possíveis reflexões, percebe-se que o homossexual ao não estar em um espaço que respeita a sua sexualidade, por exemplo, pode ter de negociar a sua afetividade nos intramuros da escola, deixando a sua identidade do lado de fora dessa instituição, sendo então, um sujeito que passa por uma “amputação simbólica”, sem oportunidade de se fazer um cidadão autônomo, integral e emancipado através da educação.

Considerações finais

A escola é o espaço em que jogos de poder e lutas de classes se imbricam. É o espaço para que as problematisações sejam elicitadas, (des)construindo novas formas de ser e pensar na contemporaneidade. As maneiras construídas discursivamente sobre o que é “normal” e “anormal” são impostas a partir de um dado modelo hegemônico que se naturaliza e é hierarquizador, colocando os “outros” em espaços marginalizados (à margem). Negar espaços democráticos de discussões referentes às diversidades no contexto escolar é negar que o sujeito transite pelas cambiantes e contraditórias identidades. Nesse sentido, refletir educação é compreender a dinâmica social como algo em constantes mudanças, transformações em arenas movediças, em que o fixo e o estável não se permitem mais perpetuar. Portanto, estamos em trânsito entre aquilo que é conflitante e cambiante. Pensar discursos, identidades e sexualidades, pressupõe essa compreensão. Transitamos em terrenos provisórios, fronteiros, em que a fabricação de sujeitos tidos como “modelos” privilegiam poucos e homogeneizam muitos, negando direitos básicos de cidadania. Ao se refletir sobre identidades, faz-se importante que percebamos que estas são híbridas, negociáveis, múltiplas e contraditórias, Hall (2000; 2004); Bauman (2005). Ou seja, são agenciáveis e múltiplas.

Referências

- BAUMAN. Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar. 2005.
- BRANDÃO, H.H.N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1994.
- DEZAN, A.Z.P.S. TRUSS, E.H.K. **O discurso como Prática Social**: papel do discurso no processo de interação das organizações. Disponível em: <
http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/iniciacao/iniciacao_alice.pdf> Acesso em: 02 jul. 2012. V ABRAPCORP/2011- Redes Sociais, Comunicação,

Organizações.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**.
Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA,
Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a
perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis:
Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-
modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva,
Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro:
DP&A, 2004.

LOURO, G. L. **Corpo, gênero, sexualidade e
educação**: um debate contemporâneo na educação.
4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MOITA LOPES, L. P. **Discursos de identidades**:
discurso como espaço de construção de gênero,

sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na
família. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

_____. **Identidades fragmentadas**. A construção
discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de
aula. Campinas: Mercado das letras, 2006.

OLIVEIRA, H. C.; FORTES, L. A. **linguagem
enquanto prática social no espaço prisional**.
Disponível em:

<<http://itaporanga.net/genero/gt2/7.pdf>>. Acesso
em: 02 jul. 2012. II Seminário Nacional Gênero e
Práticas Culturais- Culturas, leituras e
representações.

RESSEL, et.al. **O uso do grupo focal em pesquisas
qualitativas**. Florianópolis: 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/21.pdf>. Acesso
em: 03 jun.2012.